Aufklärung
Revista de Filosofia
AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757
DOI: I: https://doi.org/10.18012/arf.v13i2.77757
Recebido: 15/05/2025 | Aceito: 30/09/2025
CC BY 4.0: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

RESENHA: CHAUI, Marilena. *Filosofia, um modo de vida*. São Paulo: Planeta, 2025. 144p.

Filosofia, um modo de vida

[Philosphy, a way of life]

André Magalhães Coelho[1]
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Resumo: A obra da professora Marilena Chaui, *Filosofia, um modo de vida*, lançada pela Editora Planeta em 2025, reúne ensaios que, originalmente, foram apresentados em conferências voltadas a públicos variados em diferentes momentos. Por essa razão, o estilo é informal, característico de uma conversa com aqueles que estão próximos. Para preservar a essência original das falas, foram incluídas poucas referências bibliográficas, mencionando apenas autores cujas obras são citadas em trechos específicos, com o intuito de elucidar ideias que terão um papel significativo no desenvolvimento do argumento da obra. O livro é estruturado em seis capítulos, que estimulam uma reflexão mais profunda sobre o tema abordado.
Palavras-chave: Marilena Chaui; Filosofia como um modo de vida; Ensaios

Abstract: Professor Marilena Chaui's work, *Philosophy, a Way of Life*, published by Editora Planeta in 2025, brings together essays that were originally presented at conferences aimed at diverse audiences at different times. For this reason, the style is informal, characteristic of a conversation with those who are close. To preserve the original essence of the speeches, few bibliographic references were included, mentioning only authors whose works are cited in specific passages, with the aim of elucidating ideas that will play a significant role in the development of the work's argument. The book is structured in six chapters, which encourage a deeper reflection on the topic addressed.
Keywords: Marilena Chaui; Philosophy as a Way of Life; Essays

1 *Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorado pela mesma instituição (UMESP). Pós-doutorando em Teologia pela PUC-SP. E-mail: magalhaescoelhoa@gmail.com*

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757

No primeiro capítulo, a obra narra a fascinante lenda do pioneiro da filosofia, Tales de Mileto, que, em sua busca pelo entendimento das estrelas, acabou por tropeçar em uma pedra e cair em uma vala enquanto contemplava o céu. O segundo capítulo explora a etimologia da palavra arte, que se origina do latim *ars* e se relaciona com o termo grego *tékhne*, técnica, abrangendo toda e qualquer atividade humana que se submete a normas visando a criação de algo. O terceiro capítulo se debruça sobre a distinção entre natureza e cultura, uma separação que, como a conhecemos, é relativamente recente, datando do século XVIII. O quarto capítulo discute como *ta ethé* e *mores* têm o mesmo significado, ou seja, referem-se aos costumes e modos de agir de uma sociedade; no singular, o termo *ethos* representa o caráter ou temperamento individual, que deve ser moldado de acordo com os valores sociais, enquanto *ta éthiké* é a parte da filosofia que se dedica a examinar questões relacionadas ao caráter e à conduta dos indivíduos.

O quinto capítulo sugere que podemos nos aproximar da compreensão do conceito de informação por meio de uma breve comparação entre o antigo objeto técnico – a máquina – e o objeto técnico contemporâneo, o autômato. O sexto capítulo relata a história de Teeteto, que, ao cavar a terra para plantar, descobriu um tesouro. Paralelamente, Sócrates foi ao mercado em busca de legumes e encontrou Cálias, que lhe pagou uma dívida.

No início da obra, a autora sustenta que a filosofia é uma ciência que, com ou sem ela, mantém o mundo em seu estado original. Para aqueles que se deixam levar pela distração, a filosofia parece não ter valor algum. Essa é a percepção do senso comum. Por isso, o registro doxográfico de Diógenes de Laércio sobre uma afirmação atribuída a Pitágoras vai exatamente na contramão da visão que acompanha Tales e

do senso comum (Chaui, 2025, pp. 8-9).

O livro ainda destaca que, segundo Pitágoras, nos Jogos Olímpicos estão presentes três categorias de pessoas: aquelas que competem, as que comercializam e aquelas que se dedicam a contemplar, compreender e avaliar os eventos. Estas últimas, segundo Pitágoras, seriam os filósofos. Para a autora, de maneira ampla, *ars* ou *tékhne* representava a habilidade e a destreza em criar soluções para superar dificuldades ou obstáculos impostos pela natureza. Em um sentido mais restrito, referia-se ao aprendizado e à prática de um ofício que possui suas regras, procedimentos e instrumentos característicos. Conforme Marilena Chaui, *ars* ou *tékhne* era um saber prático. Por ser uma competência guiada por normas e métodos com o objetivo de produzir um artefato ou superar uma dificuldade imposta pela natureza, a arte ou técnica se definia em oposição ao que ocorre por acaso, assim como ao que é meramente espontâneo ou não intencional, e ao que é natural, ou seja, ao que existe ou acontece sem a intervenção do ser humano (Chaui, 2025, pp. 22-23).

Para a autora, a compreensão da realidade físico-química e biológica, ou, de maneira mais ampla, como a natureza, é a organização universal e indispensável dos seres, dispostos segundo uma ordem guiada por leis imutáveis. Nesse contexto, ela se distingue pelo arranjo dos seres, pela regularidade dos fenômenos ou eventos, pela frequência, constância e repetição de conexões fixas entre as coisas, ou seja, pelas relações de causalidade que as interligam. Em outras palavras, a natureza representa a ordem e a interconexão universal e essencial entre os elementos, manifestadas em leis naturais (Chaui, 2025, p. 42).

Para a filósofa brasileira, toda moral possui um caráter normativo, uma vez que lhe compete a função de incutir

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757

nos indivíduos normas ou padrões de conduta, costumes e valores da sociedade em que se inserem.

Entretanto, nem toda ética precisa ser normativa (como é o caso das éticas de Espinosa e Nietzsche, que não se enquadram nesse modelo). Uma ética normativa é aquela que se baseia em deveres e obrigações (como exemplifica a ética kantiana). Por outro lado, uma ética não normativa analisa as ações e paixões em busca da felicidade, onde o critério reside nas relações entre a razão e a vontade no exercício da liberdade de expressão da singularidade do indivíduo ético, que, por sua essência, busca a felicidade (Chaui, 2025, p. 65).

Ao explorar as páginas do livro, nos deparamos com um mergulho profundo na Revolução Científica do século XVII. Nesse contexto, a tecnologia emerge como um desdobramento do saber científico, não se apresentando mais como um mero fruto da experiência e da criatividade de artesãos.

Um exemplo elucidativo que encontramos na obra é a construção do telescópio, onde Galileu revela que sua criação foi fruto da aplicação das leis ópticas da refração na confecção das lentes. Essas lentes, embora planas, possuem uma face convexa e outra côncava, sendo essencial que sua precisão não apenas aproxime os objetos, mas também os torne visíveis sem qualquer nebulosidade ou distorção (Chaui, 2025, p. 93). Para a autora, esses exemplos são clássicos na história da filosofia, remetendo às considerações de Aristóteles sobre a contingência e o acaso. O filósofo esclarece que contingência e acaso não são meros eventos desprovidos de causa; na verdade, são resultados do encontro de duas séries causais independentes.

Dessa forma, a obra ressalta que o primeiro aspecto

da contingência é o encontro, um encontro que surge do acaso, um desdobramento inesperado. Ou, como elucidou Aristóteles, a origem do acontecimento é acidental, pois gera um efeito que não estava previsto nas cadeias causais de cada uma das séries, de modo que um certo objetivo se concretiza sem que tenha sido antecipado pelos agentes envolvidos ou sem que estivesse presente nos meios, uma vez que estes não almejavam tal meta, mas sim outra. Teeteto se dirigiu para plantar, e não para descobrir um tesouro; Sócrates saiu para adquirir legumes, e não para saldar uma dívida; o navio seguia rumo a Egina, e não a Atenas (Chaui, 2025, pp. 113-114). A obra ainda frisa que a força do tirano, como exposto pelo filósofo francês La Boétie, não reside onde costumamos supor: nas fortalezas que o cercam e nas armas que o defendem.

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757

Ao contrário do que se poderia pensar, se um governante recorre a fortalezas e armas, se teme tanto a rua quanto o palácio, é porque se sente ameaçado e precisa exibir sinais de poder. Fisicamente, um tirano é um homem comum – possui dois olhos, duas mãos, uma boca, dois pés, dois ouvidos; moralmente, é um covarde, e isso se evidencia na sua necessidade de demonstrar força. A filósofa, em sua obra, indaga sobre a origem de seu poder, tão vasto que ninguém se atreve a pôr fim à opressão. Esse poder se origina da expansão colossal de seu corpo físico através de seu corpo político, que possui mil olhos e mil ouvidos para observar, mil mãos para explorar e sufocar, mil pés para esmagar e pisotear (Chaui, 2025, p. 130).

Por fim, a obra da professora Marilena Chaui conclui ao revisitar um conjunto de textos que, à primeira vista, parecem bastante diversos. Contudo, percebemos que estão entrelaçados por um fio que os une e confere sentido à sua reunião, formando uma única tapeçaria. Para a autora,

como em toda obra de reflexão, o fio que tece essa trama é a indagação sobre nossa experiência vivida, buscando compreendê-la sem aceitá-la como um destino inevitável, mas sim desvelando seu significado. Para a filosofia enquanto modo de vida à rejeição da servidão voluntária, nossa jornada é uma busca pela liberdade em sua luta contra a tirania do senso comum no plano das ideias e a resignação no âmbito de nossas ações (Chaui, 2025, p. 136).

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.2, Out., 2026, p.1-6 / e.77757